

DA SIMILITUDE: UMA CARTOGRAFIA DO ESPAÇO EM OS SERTÕES

Prof. Dr. João Batista Pereira¹ (UFPE)

Resumo:

Este trabalho busca refletir sobre a representação do espaço pretendida por Euclides da Cunha em Os sertões, na qual são recuperados referentes simétricos para descrever a geografia sertaneja. O embasamento teórico para análise dessas marcas no texto deriva do ideário foucaultiano presente no livro As palavras e as coisas, no qual a semelhança é vislumbrada pelo autor como recurso para entender uma experiência da existência. Michel Foucault concebe a convenientia, a aemulatio, a analogia, a simpatia e a antipatia como figuras de semilitude que explicariam a ligação entre as coisas que fundam o universo, um esquema para entender a realidade do mundo. Atento a essa perspectiva analítica, registramos que na tentativa de adequar o sertão aos moldes previstos pelas ideologias seguidas por Euclides, o sentido que reverbera da sua leitura absorve a topografia sertaneja projetada como um mundo uniforme e fechado, delineando uma realidade sacrificada pelas palavras.

Palavras-chave: Os sertões. Similitude. Espaço geográfico. Euclides da Cunha

I

O arco existencial que permite ao ser humano compor a realidade sob variadas proporções possibilita que ele encontre modelos e padrões de regularidade, ratificando a assertiva de que o cérebro é programado para vislumbrar o mundo como ele não é: ordenado e lógico. Por força da natureza o homem necessita encontrar sentido para um universo caótico, onde tudo é aleatório e casual, sendo o seu campo sensorial pródigo em explicitar igualdades semeadas pelo pensamento. A similitude estabeleceria concretude a esse caos originário por deter propriedades nas quais entes, objetos e formas encontram pontos de contato, refletidos mesmo à distância, relação em que a parte e o todo portariam um perfil harmônico. São a harmonia e o equilíbrio, equivalências da chamada “proporção adequada” requerida pelos gregos na Antiguidade, presentes em obras onde a simetria concorria para legitimação da fruição estética, individualizando-as e conferindo-lhes caráter e expressão.

Convém lembrar que animais, vegetais, minerais e pessoas podem ser classificados sob parâmetros simétricos: real ou bilateral, quando seus lados são perfeitamente iguais, e, radial, quando segmentos retos passam por um único centro ou irradiam deste para a exterioridade. Os palíndromos, frases ou sequências de palavras que, quando lidas da direita para a esquerda, mantêm o mesmo registro informativo, são expressões que perpetuam a simetria no campo da linguagem. Essa igualdade também foi uma constante em projetos arquitetônicos que valorizaram o equilíbrio estático por longo tempo, perdendo espaço na modernidade quando o equilíbrio dinâmico preponderou como diretriz estética. Na música a simetria comparece tecendo escalas e acordes – a harmonia e o contraponto simétricos, são exemplos do seu uso; na dança, principalmente no balé clássico, sua transposição é requisitada nas coreografias dos bailarinos, oferecendo uma perspectiva cênica uniforme aos espectadores. As cerâmicas e tapeçarias, cujas marcas geométricas obedecem a padrões regulares, atestam sua originalidade pela semelhança em desenhos frequentemente simétricos (Cf. ROHDE, 1982). Presença ubíqua no campo artístico, a simetria não oferece, por si só, beleza a um objeto ou ente – ela pode, inclusive, torná-lo monótono ou previsível, pormenor que não obscurece a longevidade com que perdura no universo da estética.

Essas breves digressões visam contextualizar o fim pretendido neste trabalho: refletir sobre a representação da geografia sertaneja pretendida por Euclides da Cunha em *Os sertões*. Dividido em três partes – O Homem, A Terra e A Luta –, na descrição do espaço ressoam referentes simétricos, utilizados para descrever a formação e o desenvolvimento geológico do Brasil. O embasamento teórico para analisar essa característica na obra guarda crédito às proposições de Michel Foucault presentes no livro *As palavras e as coisas*. Um pressuposto defendido pelo autor vislumbra a semelhança como recurso inesgotável para entender uma experiência da existência. Devedor dessa premissa, ele concebe as figuras da similitude, a *convenientia*, *aemulatio*, *analogia*, *simpatia* e *antipatia*, como recursos para explicar a ligação entre as coisas que fundam o universo, deduzindo um esquema para entender a realidade do mundo físico e espiritual do homem.

II

Fixando um percurso histórico da similitude, sua funcionalidade retoma a asserção que a indicia como um artifício linguístico que forneceu uma estrutura compreensível aos dilemas de fundo espiritual que cercaram o homem, cujo ocaso se deu em fins do século XVI. Até esse período ela conduziu o saber na exegese de textos organizando símbolos, tornando visível o encoberto, desvelando princípios que encontravam na semelhança das formas um caminho para entender o mundo. Essa referência é retomada para destacar como será desenvolvida nossa análise: absorvendo que a *convenientia*, a *aemulatio*, a *analogia*, a *simpatia* e a *antipatia* – figuras que compõem a similitude –, portam propriedades que não correspondem necessariamente a uma igualdade estrita. A remissão ao espaço sertanejo sob padrões simétricos, articulado em figuras que se entrecruzam, imbricando-se e estabelecendo limites para a aquisição do conhecimento, ficará restrita a um escopo no qual tentaremos responder ao *como* de sua ocorrência em *Os sertões*. Auferindo concretude a formas simbólicas abstratas, visamos assegurar o *onde* da emergência das semelhanças como rastros deixados pela linguagem. Convindo que o *como* dessa leitura obedeça aos parâmetros acima, o que recairá sobre o *onde*, modelado na dicção discursiva de Euclides?

Ao investigar os componentes epistemológicos dos quais se extrairia uma resposta para esse questionamento, ganha relevo a afirmação de que o encontro das figuras que dão forma à similitude não se constitui como um sistema fechado. Ao retomar a obra euclidiana para identificar suas igualdades, as marcas das semelhanças presentes no texto obedecerão a uma condição na qual elas frequentemente escapam de si, formando e tornando-se novas figuras. Sendo detentoras de uma constituição circular, as propriedades que estruturam a *convenientia* dão origem à *aemulatio*, ensejando a criação da *analogia* que as enlaça inteiramente, sintetizadas, todas, na *simpatia*. Retendo-as e alçando-as a um novo patamar semântico, na *simpatia* é proporcionado um recomeço cíclico concretizado nas suas formas constitutivas, colhido por meio do sentido e da significação encontradas em cada uma delas.

A *convenientia*, a *aemulatio*, a *analogia*, a *simpatia* e a *antipatia*, portanto, dizem de que modo o mundo e as coisas se dobram sobre si mesmos, como se duplicam, se refletem ou irradiam referentes simétricos para que haja a similitude. Entretanto, indicando os caminhos por onde passam, essas formas ignoram *onde* e *como* são observadas as semelhanças, impossibilitando a visualização das suas marcas físicas e materiais. À assinalação dá-se a prerrogativa de destacá-las, trazendo-as à superfície e à materialidade do mundo objetivo, deixando um rastro visível através daquilo que é familiar ao homem. Corroborando a afirmação foucaultiana que não há semelhança sem registro, que o saber são similitudes fundadas na sùmula de sua decifração, pretendemos destacar que, no discurso forjado em *Os sertões* a assinalação das semelhanças se concretiza como resultado das marcas deixadas pelo espaço geográfico na leitura realizada por Euclides da Cunha.

II.I

Marginalmente situada no universo das formas simétricas, à *convenientia* é atribuída mais a força que designa a vizinhança dos lugares mantidos pelas coisas do mundo do que uma estreita ligação com a similitude. Ela seria “uma semelhança ligada ao espaço e na forma da ‘aproximação gradativa’. É da ordem da conjunção e do ajustamento, por isso pertence menos às próprias coisas que ao mundo onde elas se encontram” (FOUCAULT, 1981, p. 34-35). Sua expressão se insinua quando são tangenciadas coisas, seres e objetos aproximando-se um do outro, tocando-se nas extremidades, misturando-se em suas capilaridades: cada prolongamento designa o começo de outro ser, outra parte que lhe é assemelhada, absorvendo mutuamente suas propriedades. Comunicando-se através desse movimento ela influencia o que é estranho ao mundo requisitado e transforma o espaço por meio de novas ramificações. A descrição da formação do sertão espelha essa ocorrência:

[...] simultaneamente ao abrir-se a época terciária, se realiza o fato prodigioso do levantamento dos Andes; novas terras afloram nas águas; tranca-se, num extremo, o canal amazônico, transmutando-se no maior dos rios; ampliam-se os arquipélagos esparsos, e ganglionam-se em istmos, e fundem-se; arredondam-se, maiores, os contornos das costas; e integra-se lentamente, a América (CUNHA, 1985, p. 30).

Do contato da terra com os seus contornos nasce por permuta, ajustamento ou mimetismo novas semelhanças impostas por um regime comum. A similitude é justaposta numa igualdade contaminada pela dispersão da terra que, integrando-se em si mesma, iguala-se ao que é símile, resultando dessa assimilação o efeito visível alcançado pela proximidade. Textualmente fica assegurada uma leitura que busca nesse recurso simétrico o que Euclides chamou de contornos formativos de uma terra ignota:

Os morros do Lopes e do Lajedo aprumam-se, à maneira de disformes pirâmides de blocos arredondados e lisos; e os que se sucedem beirando de um e outro lado as abas das serras da Saúde e da Itiúba, até Vila Nova da Rainha e Juazeiro, copiam-lhe os mesmos contornos das encostas estaladas, exumando a ossatura partida das montanhas (CUNHA, 1985, p. 23-23).

Comunicando-se numa sucessão, os movimentos da terra se imbricam, sedimentando a ideia geográfica do sertão. Transformando o que é próximo, ligando-se às influências e às características do que ratifica, surge da articulação entre partes da natureza as semelhanças de propriedade e de local, abrigando a mesma estrutura geológica. Essa forma de instituir simetria entre os espaços é recuperada pelo discurso e a unidade pautada no parentesco incidente na formação do mundo mineral acompanha a vegetação. Como um processo que explica o poder da ascendência do que está próximo, provocando uma adesão por contato, os vegetais se transmutam, adaptando-se ao clima. O mecanismo das espadas das bromélias, aviventadas pelas chuvas, ilustra essa propriedade da *convenientia*, refletindo-se em outros vegetais:

[...] os caroás verdoengos, de flores triunfais e altas; os gravatás e ananases bravos, trançados em touceiras impenetráveis, copiam-lhe a mesma forma, adrede feita aquelas paragens estéreis. As suas folhas ensiformes, lisas e lustrosas, como as da maioria dos vegetais sertanejos, facilitam a condensação dos vapores escassos trazidos pelo vento [...] resultante de longa evaporação pelas folhas, esgotando e revivendo a atração pelas radículas (CUNHA, 1985, p. 47).

Da conexão entre os seres e o clima, a semelhança surge como uma marca, um efeito visível internalizada pelos agentes da natureza, influenciando na formação da vegetação. Essa condição reflexa se repete na descrição das espécimens decaídas da família dos cereus, mandacarus,

xiquexiques e cabeças-de-frade. Destituídos da postura imperial daqueles, essas semelhanças se reportam às formas de adaptação assumidas pela vegetação à terra, resumidas nos quipás raptantes – espinhosos, humílimos, trançados sobre a terra à maneira de espartos de capacho –, e às ripsálicas, serpeantes e flexuosas, tal qual víboras verdes pelos ramos. O discurso que exige a adaptação da flora ao mundo mineral potencializa a leitura que antevê na *convenientia* a atribuição de assemelhar o que se avizinha, constituindo um mundo que pratica uma interseção consigo mesmo, onde cada ponto de contato enseja novas transformações através de elos simétricos que se sobrepõem.

II.II

Singular figura que atenta para a similitude das formas, a *aemulatio* seria uma espécie distendida de conveniência liberada da lei do lugar em que se assenta, atuando, imóvel, na distância. Ela remete à ruptura da espacialidade que abrange a *convenientia*, fazendo com que as cadeias que a justifica, desunidas, reproduzam seus círculos longe um dos outros, seguindo uma semelhança sem contato. Mantendo a descritividade emoldurada em *A Terra*, na apresentação dos rios fica patente a emergência da *aemulatio*. A ordem, a configuração e os traçados da natureza recuperam um encadeamento simétrico emulando em sua cartografia uma explicação para a formação do país. Tal proposição se ancora no discurso que tende a vê-los vertendo positividade quando sua localização instituiu o ambiente social do litoral e, em contrapartida, reiterando negatividade quando sua existência concerne ao sertão, colaborando para o afastamento do homem da terra. Nas disposições dos rios ficam sugeridas marcas de semelhança liberadas das leis da *convenientia* em ruptura com o espaço, emulando a representação da formação social do litorâneo e do sertanejo.

Esses contornos do desenvolvimento geográfico do Brasil são detectados no Planalto Central indo das montanhas do Rio Grande a Minas e do litoral do Rio de Janeiro ao Espírito Santo. Para Euclides, nesses espaços convergem os aspectos astronômico, topográfico e geológico da nação, afigurando-os afeiçãoados à vida. Apropriados para receber e manter as vagas humanas nos territórios que recortam, os rios do litoral confirmariam uma harmoniosa coabitação entre a natureza e seus habitantes. Na formação geológica do país ressalta-se a hipótese na qual a terra atrai o homem, convidando-o para seu convívio: “arrebata-o na própria correnteza dos rios que, do Iguaçu ao Tietê, traçando originalíssima rede hidrográfica, correm da costa para os sertões, como se nascessem nos mares e canalizassem as suas energias eternas para os recessos das matas opulentas” (CUNHA, 1985, p. 18).

Sugerindo continuidade na sinergia entre espaço geográfico e avanços sociais, a formação para o leste se altera quando outros desenhos o exigem. As cordilheiras do Planalto Central se transformam em planaltos na serra da Mantiqueira alcançando a região do Itatiaia, aproximando-se das paisagens alpestres de Minas Gerais. Na descensão para o norte, as caudais revelam leitos contorcidos de rios que venciam o antagonismo das montanhas: “o Rio Grande rompe, rasgando-a com a força viva da corrente, a Serra da Canastra, e, norteados pela meridiana, abrem-se adiante os fundos vales de erosão do Rio das Velhas e do S. Francisco” (CUNHA, 1985, p. 19). Esse padrão se repete no perfil de regiões onde o regime climático impôs variações benéficas na conformação do homem que as ocupava. Euclides cita como exemplo o Mato Grosso, erguido em solo de vegetação exuberante e irrigado por rios que irradiavam pelos quatro pontos cardeais. Antevendo uma simetria distanciada por laços distendidos espacialmente, o traçado e a função desses rios refletiriam o desenvolvimento alcançado pelos habitantes dessas regiões.

A perspectiva que demonstra a divisão social do país decorrendo das funções exercidas pelos rios se reporta aos contornos traçados pelos Iguaçu e Tietê: as alterações no *facies* geográfico impuseram uma modificação materializada na sociedade sertaneja. Um indicador que demonstra a alteração do perfil pacificador entre ela e o meio é sumarizado no percurso dos rios que vão de Barbacena a Ouro Preto:

[...] descem, acachoados, para o levante, tombando em catadupas ou saltando travessões sucessivos, todos os rios que do Jequitinhonha ao Doce procuram os terraços inferiores do planalto arrimados à Serra dos Aimorés; e voltam águas remansadas para o poente os que se destinam à bacia de captação do S. Francisco, em cujo vale [...] se acentuam outras transições na textura superficial do solo (CUNHA, 1985, p. 19).

Partindo dessa configuração os rios mudam com a paisagem, metaforizando a condição social do homem, cuja conotação material é assimilada pelo contraste entre acidentes geográficos em constante movimento, por declives e aclives a serem vencidos, renunciando nesses obstáculos a incerteza e ausência de devir para os habitantes do interior do Brasil. Saindo da perenidade e vastidão fluvial esboçadas no desenho dos rios do centro-sul e litoral, a escassez e a aridez vão marcar os do sertão como instáveis e temporários, cúmplices identificados com a vida do sertanejo. Assumindo outra direção, as marcas de semelhança se alteram e ganham novas nuances, tracejando a região diamantina da Bahia:

o eixo da serra geral se fragmenta. Desfaz-se. A cordilheira eriça-se de contrafortes e talhados de onde saltam, acachoados, em despenhos, para o levante, as nascentes do Paraguaçu. [...] Transmuda-se o caráter topográfico, retratando o desapoderado embater dos elementos, que ali reagem há milênios entre montanhas derruídas, e a queda, até então gradativa, dos planaltos, começa a derivar em desnivelamentos consideráveis. Revela-os o S. Francisco, no vivo infletir com que torce para o levante, indicando do mesmo passo a transformação geral da região (CUNHA, 1985, p. 21).

Dos furtivos aspectos relacionais representados pelos rios e nos consequentes reflexos incidentes sobre o homem emerge a *aemulatio* miscindo e aproximando campos temáticos distantes. Reafirmando a diretriz que modula as semelhanças assinaladas por vestígios geográficos, ela externaria uma condição análoga à correspondência entre a cópia e o espelho, na qual se aufere uma ligação entre coisas dispersas no mundo físico. Como figura que adapta a realidade ao referenciar universos distanciados espacialmente, ela pressupõe uma relação contígua e ao mesmo tempo paradoxal entre objetos, seres e o espaço, imitando-se de uma extremidade a outra, sem encadeamentos nem proximidades. A *aemulatio* nasceria sempre de uma dobra do ser que se multiplica, cujos lados se defrontam, sem chegar a um conflito. Se a definição que assegura sua funcionalidade supõe que dessa proximidade sejam externadas simetrias entre diferentes realidades, como a representação projetada pelos rios acolheria o *ethos* e a formação social do sertão?

Como indica a citação acima, a aproximação permitida pelo rio São Francisco demonstra o desencanto do litorâneo quando adentra o interior do país. O encontro com as ‘terras grandes’ denuncia florestas extintas e vastos territórios que retratam o desnudamento da terra. Quando nela chegava, ele custava acreditar no que via e a se adaptar à inclemência do clima que “quebra o encanto de ilusão belíssima. A natureza empobrece-se, despe-se das grandes massas, abdica o fastígio das montanhas, erma-se e deprime-se – transmutando-se nos desertos exsicados e bárbaros, onde correm rios efêmeros” (CUNHA, 1985, p. 72). O fenecimento e efemeridade dos rios, longe de serem circunstanciais, eram características que os definia como reflexo do espaço e das condições materiais onde subsistia o sertanejo.

A descrição dos afluentes do rio Patamutê atenta para o declínio da formação social do sertão contrapondo-se àquela distinguida ao litoral. Voltando águas transitórias das estações chuvosas, eles eram canais de esgotamento, abertos a esmo pelos enxurros, adstritos ao clima: “são rios que sobem. Enchem-se de súbito; transbordam; reprofundam os leitos, anulando o obstáculo do declive geral do solo; rolam por alguns dias para o rio principal; e desaparecem, voltando ao primitivo aspecto de valos em torcicolos, cheios de pedra, e secos” (CUNHA, 1985, p. 33). Essa incompletude se repete na descrição do Vaza-Barris. Destituído de nascentes, cujo traçado era

transformado ao sabor das variações do tempo, decorrência de invernos incertos e ocasionais, ele se fracionava em gânglios estagnados e, quando avolumado nas cheias, sobrevivia algumas semanas, extinguindo-se em esgotamento completo. Reflexo do espelho desenhado pela teorização positivista que guiou Euclides, o sertanejo surge como uma geminação natural das condições climáticas que determinavam a existência dos rios: potencialmente limitados, existencialmente exauridos.

Importante por ressaltar a incapacidade de soerguimento social na construção do espaço e a inviabilidade de seu povoamento, as características requeridas para os rios do sertão deploram qualquer prenúncio de grandiosidade ou redenção. Denotando transitoriedade em suas funções, eles têm uma permanência dimensionada pelo contraste na forma como são formados: com a chuva acumulam-se os primeiros fios de água, “derivando pelas pedras, as primeiras torrentes em despenhos pelas encostas, afluindo em regatos já avolumados entre as quebradas, adensando-se, estes, em rios barrentos traçados ao acaso, à feição dos declives” (CUNHA, 1985, p. 44). Essas correntes provocam a revivescência da terra e tracejam uma ilusão apagada pela drenagem do solo e súbita evaporação, estabelecendo uma simetria temática que emula as limitações do sertanejo patenteadas na aridez de rios que já nascem mortos.

Se a menção aos rios Patamutê e Vaza-Barris referencia o sertão negativamente, emulando, por contraste, a importância dos rios Iguaçu e Tietê na formação do litoral, outras manifestações exemplificam quão aguda era a realidade daquela sociedade. As miudezas da existência tornam-se sinônimos dos limites impostos ao seu *modus vivendi*: apenas eventualmente os benefícios oferecidos pelos rios operam como uma intercorrência benfazeja. As cacimbas e caldeirões abertos nas pedras, demarcando uma escala obrigatória aos caminhantes, expõem a natureza desse *pathos*. As várzeas deprimidas, sedes de antigos lagos, são exemplos que atentam para a composição do espaço geográfico excluindo a possibilidade de atenuar a escassez apresentada no curso da vida. Nesse inóspito clima, até o fundo das cacimbas se enterroava, tornando o sertão impróprio ao modo gregário de viver (Cf. CUNHA, 1985). Justapondo latitudes geográficas que não conjugavam dos mesmos pressupostos físico e material, do diálogo definido pelas marcas da similitude surge a possibilidade de Euclides expor assimetrias na formação do Brasil condicionadas pela descrição dos rios que o singrava.

Uma das vertentes que concebe a *aemulatio* a define como uma amena correspondência que transcende o espaço, aludindo para o fato de que ela não deixará, necessariamente, inertes as duas figuras refletidas que opõe e converge. Poderá ocorrer de uma das faces ser mais fraca e acolher a influência daquela que vai refletir-se no seu espelho passivo, recorte que não encontra ressonância no que ora analisamos. Todavia, é pertinente aceitar que essa contenda possa permanecer aberta e esse passivo espelho assumira o combate de uma forma contra a outra: separada de sua projeção identitária pelo peso da matéria ou pela distância percorrida, ela poderia expressar a valoração de uma ordem de mundo distinta. Nessa coexistência de marcas de semelhanças sobrepostas que anseiam pela supremacia de um universo sobre o outro, invocamos o rio São Francisco como símbolo que explicita a *aemulatio* explicitando essa correspondência entre termos e ideias.

Convencido de que similitude no discurso euclidiano afigurou nos rios a capacidade de exprimir faces da formação do Brasil, a descrição do São Francisco adensa essa condição quando nele recaem as diretrizes que definiram a existência do litorâneo e do sertanejo. No corte feito por Euclides para delinear sua morfogenia foi assentida essa justaposição de mundos. Demonstrando uma composição atrelada a formações geológicas díspares e de idades indeterminadas, subsiste na sua constituição estratificações discordantes formando, no predomínio exclusivo de umas, ou na combinação de todas, a fisionomia da nação brasileira. Há pertinência em supor que os estratos geológicos que fundam o rio São Francisco correspondem em igual medida à transformação que ele operou na definição dos estamentos sociais do país.

Essa ponderação pode ser comprovada na mudança da sua topografia no perímetro em que ele se afasta das gerais e adentra o sertão, retratando o “desapoderado embater dos elementos, que ali reagem há milênios entre montanhas derruídas, e a queda, até então gradativa, dos planaltos, começa a derivar em desnivelamento consideráveis” (CUNHA, 1985, p. 21), revelando uma

transformação na natureza da região. Pode-se recuperar essa mesma condição para o universo humano quando se observa que nas altas cabeceiras o rio foi sede da agitação mineira, no seu curso inferior abrigou o teatro das missões e na sua região média deu-se ao usufruto do regime pastoril, afeito à situação social e econômica que mantinha a colônia. Nominado por Euclides como o grande ‘caminho da civilização brasileira’, a história do São Francisco seria um diagrama da formação do país. Ele foi palco do encontro de bandeirantes, jesuítas, vaqueiros e sertanejos: “abrindo aos exploradores duas entradas únicas, à nascente e à foz, levando os homens do Sul ao encontro dos homens do Norte, o grande rio erigia-se desde o princípio com a feição de um unificador étnico, longo traço de união entre as duas sociedades que se não conheciam” (CUNHA, 1985, p. 91).

A *aemulatio*, portanto, percorre a narrativa demarcando um desenho onde os rios Tietê, Iguaçú, Patamutê e Vaza-Barris assenhorearam com o seu curso a construção social do país, ainda que a distância que ela transpôs não tenha anulado as singularidades da representação que descreveu o litoral e o sertão. Ambas as realidades foram afrontadas, apossando-se uma da outra; nos trajetos cumpridos pelos rios mobilizam-se princípios e valores de ambas as sociedades, deixando rastros que influenciaram na formação de cada uma delas. No processo em que a *aemulatio* duplicou e refletiu realidades distanciadas fisicamente do litorâneo e do sertanejo, ela se apossou simbolicamente dos rios como universos distintos que se aglutinam: com o São Francisco ficou instaurada uma dinâmica da qual emergiram círculos concêntricos delineando uma síntese do Brasil. Diferente dos elos que formam uma cadeia coesa na *convenientia*, a *aemulatio* se pauta pela progressão rumo ao infinito, ao indeterminado, alcançando o pensamento e as formas ao vencer o espaço e o tempo.

I.III

Terceira das figuras que compõem a similitude, a *analogia* é a que mais se aproxima da realidade palpável consignada no mundo objetivo. Usualmente superpondo a *convenientia* e a *aemulatio*, a partir desta fica assegurado o afrontamento das semelhanças através do espaço, ainda que aluda, como aquela, a ajustamentos, liames e junturas. O alcance das similitudes executadas pela *analogia* não é necessariamente visível no campo das próprias coisas e seres, contentando-se com as semelhanças resultantes das relações, podendo irradiar referências partindo de um número indefinido de parentesco. A relação dos astros com o céu, por exemplo, sugere similitudes análogas para outros contextos: ela se dá na da erva com a terra, dos seres vivos com o globo onde habitam, dos minerais com as rochas onde se enterram, dos órgãos dos sentidos com o rosto que anima, entre outras. Essa propriedade polivalente lhe confere um espectro universal podendo, por ela, todas as figuras da similitude se aproximar (Cf. FOUCAULT, 1981).

Nesse espaço poroso do qual a *analogia* migra e recebe influências de todas as direções, um ponto privilegiado em que as relações são invertidas encontra no homem o seu centro: ele referencia o céu, os animais, as plantas e a terra, sendo por todos emulado e, inversamente, transmitindo as semelhanças que recebe. Ele é o grande fulcro de proporção de onde as relações vêm se apropriar e são novamente refletidas. Na alusão ao campo de atuação da *analogia* em *Os sertões*, o relevo repõe o escopo no qual deve ser perscrutada sua ocorrência. A trama elaborada para descrever a entrada do sertão a partir do topo da Favela reforça essa percepção:

Ali estavam os mesmos acidentes e o mesmo chão, embaixo, fundamente revoltos; sob o indumento áspero dos pedregais e caatingas estonadas. Mas a reunião de tantos traços incorretos e duros – arregoados divagantes de algares, sulcos de despenhadeiros, socavas de bocainas, criava-lhe perspectiva inteiramente nova. E quase compreendia que os matutos crendeiros de imaginativa ingênua acreditassem que ‘ali era o céu’ (CUNHA, 1985, p. 34).

A perspectiva do céu, turvada pela visão do sertanejo, assume uma concretude somente realizável quando consignada pela *analogia*. A citação enseja compreender a terra afigurada como

um reflexo do céu na medida em que a similitude é registrada como um paralelo entre o universo formulado pela imaginação do “matuto crendeiro” e a construção do discurso que submete essa assimilação aos ditames ideológicos de Euclides. A semelhança decorrente da familiaridade suscitada pelas grandezas celestes e o chão revolto a ser vencido pelo olhar corresponderiam às distâncias distendidas no espaço infinito. Os pedregais e as caatingas manteriam uma relação simétrica com as estrelas, delimitando os espaços sideral e terreno, além dos acidentes geográficos que os estratificam, análogos aos astros que demarcam a Via Láctea, mundo desconhecido, nublado de mistérios, mapa a ser decifrado pelo homem.

Na percepção em que a *analogia* compactua uma construção assinalada na personificação dos mundos mineral e vegetal, o homem volta a ser a proporção da qual derivam as semelhanças, reencontrando relações em um universo recriado pelo discurso. O seu corpo e ações passam a caracterizar um imenso atlas a ser referenciado. Na descrição das caatingas, a antropomorfização repõe à natureza valores e emoções humanas, processo que circunda o constante revoltear de que elas são objeto. Lembrando-se do seu brocejar imenso, da tortura que as agoniza, essas espécies empreendem uma luta pela vida evitando o sol e dirigindo-se em direção ao solo, aparelhando-se para reagir contra a aspereza do clima. Essa atuação das caatingas elabora uma *analogia* que rememora a vida do sertanejo: a narrativa altera sua constituição natural, passando a existir uma aproximação entre as ações inerentes à sua sobrevivência e injunções nomeadamente humanas: “espancado pelas canículas, fustigado pelos sóis, roído dos enxurros, torturado pelos ventos, o vegetal pode derrear-se aos embates desses elementos antagônicos” (CUNHA, 1985, p. 46).

Todavia, o clima implacável ignora os meandros formativos das caatingas, preparadas para a hostilidade que se lhes apresenta: pressentindo a imunação, elas enterram os caules no solo, divagantes em busca de água. As raízes entranhadas em divisões dicotômicas denunciam a resistência e a capacidade de perscrutar novos caminhos para sobreviver no árido solo que as recebe. A descrição das *favelas* acompanha essa urdidura, expondo a função cumprida por suas folhas que, alongadas em vilosidades, proporcionam mecanismos de condensação, absorção e defesa contra o clima adverso. Como culminância desse processo de assinalação da natureza pautado nos movimentos atribuídos ao homem, lembramos os dispositivos das cesalpinas, catingueiras, alecrins-dos-tabuleiros e canudos-de-pito, plantas que, individualmente, não se mostram armadas para reagir às intempéries climáticas: elas “unem-se, intimamente abraçadas, transmudando-se em plantas sociais. Não podendo revidar isoladas, disciplinam-se, congregam-se, arregimentam-se” (CUNHA, 1985, p. 47). A disposição e os artifícios da vegetação para resistir às secas tornam visíveis as sutilezas emanadas pelo jogo de resistência entre a natureza e o clima, expondo a relação que essa associação inspira com as ações do sertanejo.

I.IV

Diferindo das figuras citadas anteriormente, a *simpatia* atesta uma semelhança que granjeia sua atuação em estado livre, assegurada por um padrão que obedece ao acaso, ao desconhecido. Nela nenhuma via é de antemão determinada, nenhuma distância é suposta, nenhum encadeamento é prescrito: “em um instante percorre os espaços mais vastos: do planeta ao homem que ela rege” (FOUCAULT, 1981, p. 39). A *simpatia* não se contenta em brotar de um único contato ou apenas percorrer os espaços: ela suscita o movimento das coisas e procura a aproximação das mais distantes, a exemplo das raízes impelidas para o solo em busca de água, e do girassol, perseguindo continuamente o sol que o alimenta. Regida pelo princípio a mobilidade, atraindo o que é pesado para o solo e o que é leve para os céus, ela proporciona esse tipo de experiência na busca de uma igualdade entre as coisas do mundo.

O voltar-se para a infinitude dos céus e o derivar para as entranhas da terra sentencia a lógica que singulariza a *simpatia* em *Os sertões*. O ascender para o alto, encimando a matéria para o espaço, propriedade das plantas que assediam a luz solar, destacadas em meio à inanição imposta sobre a flora, remete àquelas que apreciam o ambiente em fogo dos desertos. Essa propriedade persegue os cereus, “esguios e silentes, aprumando os caules circulares repartidos em colunas

poliédricas e uniformes, na simetria impecável de enormes candelabros [...] eles dão a ilusão emocionante de círios enormes, fincados a esmo no solo, espalhados pelas chapadas e acesos” (CUNHA, 1985, p. 48). Alcança, também, os mandacarus: atingindo notável altura, assomam isolados sobre a flora: “Aprumam-se tesos triunfantes, enquanto por toda a banda a flora se deprime. [...] Gravam em tudo monotonia inaturalável, sucedendo-se constantes, uniformes, idênticos todos, todos do mesmo porte, igualmente afastados, distribuídos com uma ordem singular pelo deserto” (CUNHA, 1985, p. 48). Por fim, a *simpatia* marca o desenho disforme dos cabeças-de-frade, deselegantes e monstruosos, coroados por uma rubra flor que o enobrece, oferecendo, soberano, cor e poesia a um degradado sertão.

Buscando uma unidade interpretativa para o registro dessa vegetação que sobrevive à aridez e aspereza próprias da região sertaneja, como esse conjunto de informações construiria uma semelhança calcada na *simpatia*? Ela se caracteriza por assimilar a formação de seres tornando-os idênticos e destruindo-os, fazendo-os desaparecer de sua individualidade como uma instância do Mesmo que seduz o Outro. A propriedade de transformar as coisas do mundo em direção ao similar alude ao posicionamento dos cereus, mandacarus e cabeças-de-frade: o ato de encimar o espaço expressa, além de exasperante monotonia geométrica, a perda de suas identidades, desencadeada pela necessidade de adaptação ao solo e ao clima. Nessa conversão rumo a uma identidade unificada, reduzindo as partes que os distinguiam, a narrativa remete ao homogêneo, reforçando a significação do universal que se sobrepõe ao particular. A *simpatia*, portanto, reforça os elos que comunicam e sustentam estruturalmente uma igualdade, evitando o rompimento dos liames que ensejariam o surgimento das contradições entre as coisas do mundo.

Com a *simpatia* colige-se no discurso euclidiano um repertório de situações pautando a uniformidade do Mesmo em detrimento da heterogeneidade do Outro. O processo de condensação das propriedades dos seres neutraliza o singular, transforma o ser que era original e condiciona estruturas que, perfiladas pelos contornos do discurso, ignoram a existência do específico em cada um deles, extinguindo o diferente, o aleatório. Todavia, a instauração desse discurso unívoco tem uma contraparte na *antipatia*. Outorgando-se o poder de manter as coisas em seu isolamento e contrariando a normatividade imposta pela *simpatia*, ela busca manter os seres sob os princípios que regem suas identidades, impedindo uma assimilação, encerrando-os em suas diferenças, propendo a conservá-los naquilo que são. Sua atuação contempla um constante contrabalancear com os atributos da *simpatia*: eles podem assemelhar-se a outras coisas e delas se aproximar sem se dissipar, preservando as características que as torna singular. A oposição entre a *simpatia* e a *antipatia*, mantida nas propriedades que compõem cada um dos seres, sem que nessa vizinhança sejam perdidas suas individualidades, remete aos parâmetros constituintes da estilística euclidiana. Sua modulação linguística reflete a construção de um pensamento contraditório, traduzido nas antíteses, paradoxos e oxímoros, presentes de forma abundante em *A Luta*.

O confronto entre *simpatia* e *antipatia* em *A Terra*, polos que se conectam sem perder suas singularidades, constituindo cada uma das partes confrontadas, fica demonstrado na descrição da entrada do sertão, quando a amplitude das gerais é contrastada pelo fastígio das montanhas, compondo a visão que retém os planaltos baianos. Esse aparente antagonismo pode ser identificado nas forças que trabalham a terra: “dissociam-na nos verões queimosos; degradam-na nos invernos torrenciais” (CUNHA, 1985, p. 27), composição que amplifica uma dinâmica na qual as estações e o que elas expressam para a economia da terra ligam-se e completam-se, ganhando sentido pelo discurso. Essa oposição comparece nas referências às estações climáticas como fatores que acentuam os contornos geográficos e topográficos da região. Euclides lembra que “Se, por um lado, as condições genéticas reagem fortemente sobre os últimos, estes, por sua vez, contribuíram para o agravamento daquelas; e todos persistem nas influências recíprocas” (CUNHA, 1985, p. 35).

À luz do que destacamos, a fisiografia do sertão surge traduzida no jogo entre a *simpatia*, requerendo a unidade para amalgamá-la no todo, e a *antipatia*, preservando a individualidade das partes, diálogo mantido permanentemente na definição do espaço. Nesse conflito *simpatia* e *antipatia* subsistem resistindo em seus conceitos e mantendo intactas as peculiaridades de cada um

dos contornos que dão forma à geografia sertaneja. Como a familiaridade entre formas e seres que rege a similitude é adstrita ao homem, as forças que explicam como os mundos vegetal e animal surgem, se desenvolvem e desaparecem em *Os sertões* resultam, em larga medida, do contraste formulado pelas ações da *simpatia* e *antipatia* no discurso. Para compreender a função exercida por essas figuras em *A Terra*, a sua soberania no movimento e dispersão que prescreve aos seres daria lugar a todas as formas de similitude: o volume do mundo retido na vizinhança da *convenientia*, os ecos da *aemulatio* e os encadeamentos da *analogia* são suportados, mantidos e duplicados em um espaço simétrico que não cessa de aproximar as coisas e, concomitantemente, mantê-las à distância.

III

A representação da realidade deriva, em grande medida, das injunções construídas pelos parâmetros ideológicos que rodeiam o homem. Nesse sentido, as ponderações feitas ao uso das semelhanças para creditar à narrativa euclidiana marcas que assegurassem um ordenamento do espaço ultrapassou a projeção que vinculava essa prática como parte de um plano aleatório o autor. Resultante de um pensamento que almejou dimensionar simetricamente as diversas camadas que compunham o espaço sertanejo, visando uma harmonização da natureza, Euclides insulou o pensamento que inquieta e questiona, suprimindo a dicotomia que opõe o diverso, mantendo-o autêntico, ao similar, supressor da individualidade. No universo em que as figuras da similitude mantêm relações articuladas na narrativa, caberia denominar sua presença como um percurso no qual a linguagem furta do seu significante a possibilidade de autonomia, excluindo os reinos animal, vegetal, mineral do patamar em que se encontravam no mundo natural.

Registro da tentativa de adequação do sertão nos moldes preconizados pelas ideologias vigentes à época, o sentido que reverbera de nossa leitura absorve o espaço geográfico à luz de ciclos evolutivos, numa progressão contínua e reflexa, circundado pela projeção de um mundo uniforme e fechado, sacrificado pelas palavras. Na institucionalização de uma realidade guiada pelos princípios de mundo defendidos por Euclides, a dialética foi alijada como método para alicerçar uma explicação daquela terra ignota, obnubilada pelas teorizações contraídas da filosofia positivista. Pleiteando um enquadramento da natureza condicionada por uma ideologia que a sufoca, ele abraça a definição rígida dos conceitos que defende e calca um discurso objetivo baseado na observação, análise e classificação. As incongruências e distorções do espaço geográfico percebidas em *A terra* não existem como fatos determinados pela ação humana, mas como decorrência de uma condição apriorística, ignorando as contradições que o discurso se propõe a negar. Nesse continente chamado *Os Sertões*, onde o discurso patenteia o desacordo instituído entre a linguagem e a realidade, os não-ditos do discurso sublimam um ordenamento que instrumentaliza a natureza pautada pela ciência, reclamando por uma completude inexistente na matéria descrita.

Referências Bibliográficas

- CUNHA, Euclides da. *Os sertões* [1902]. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. 5ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- ROHDE, Geraldo Mario. *Simetria*. São Paulo: Hemus, 1982.